

Em torno dos processos do diário do Homem Permanecido: construindo uma paisagem a partir do encontro do corpo do homem com a terra

Around the processes of the Remaining Man's diary: building a landscape based on the encounter of the man's body with the earth

Luiz Rodolfo Annes¹

Resumo

Este artigo apresenta algumas reflexões em torno dos processos de criação da minha tese de doutorado, que a partir de um diário ficcional intitulado O diário do Homem Permanecido ou notas daquele que escapou do afogamento, relata sonhos e desejos do personagem Homem Permanecido, que criei há mais de vinte anos e está presente em diversas das minhas obras. Ele aparece no início dos anos 2000, em desenhos de pequeno formato que remetem a anotações e tratam de um homem solitário em uma paisagem inóspita. Atualmente, tenho trabalhado no diário que dá voz a pensamentos e sentimentos desse homem. O recorte escolhido para esse artigo aborda as relações de proximidade entre o homem e a terra, presentes nos textos do diário e em desenhos. A partir de um diálogo com as obras, podemos perceber a construção de um outro olhar para a paisagem que foge a uma tradição europeia da pintura e propõe uma experiência sensível do espaço. Essa experiência se dá a partir da conexão física, no encontro entre os corpos do personagem e da terra, propondo-se, assim, um outro olhar para o tema.

Palavras-chave: Diário; Paisagem; Corpo; Processos artísticos.

Abstract

This article brings some reflections around the creation processes of my ongoing doctoral thesis which, based on a fictional diary entitled *The diary of the Remained Man* or *notes of the one who escaped drowning*, reports on the dreams and desires of the character Remained Man which I created over twenty years ago and which is present in several of my works. He appears at the beginning of the 2000s in small format drawings, which refer to notes and deal with a solitary man in an inhospitable landscape. Currently I have been working on

1

Mestre pelo Mestrado Acadêmico em Cinema e Artes do Vídeo (PPG-CINEAV) da Universidade Estadual do Paraná (Unespar) – Campus Curitiba II/ Faculdade de Artes do Paraná (FAP). Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação de Doutorado Acadêmico em Artes Visuais (PPGAV), Linha de Pesquisa: Processos Criativos da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Endereço eletrônico: lrannes7@hotmail.com



Em torno dos processos do diário do Homem Permanecido:
construindo uma paisagem a partir do encontro do corpo do homem
com a terra
Luiz Rodolfo Annes

the diary that gives voice to this man's thoughts and feelings. The focus chosen for this article addresses the close relationships between man and the earth, present in the diary texts and drawings. From a dialogue with the works, we can perceive the construction of another look at the landscape that deviates from a European painting tradition and proposes a sensitive experience of space. This experience comes from the physical connection, in the meeting between the character's bodies and the earth. I therefore propose a look at the topic.

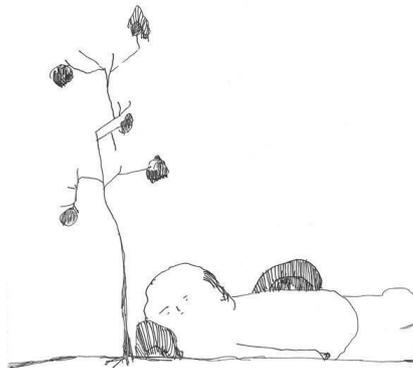
Keywords: Diary; Landscape; Body; Artistic processes.

Introdução

Como se constroem relações possíveis de encontro entre o homem e a terra – relações que não sejam apenas de abuso e consumo? A partir da criação de um texto ficcional intitulado *Os diários do Homem Permanecido ou notas daquele que escapou do afogamento* e de uma série de desenhos, venho desenvolvendo, na minha pesquisa de doutorado, uma proposta de encontro entre o corpo do homem e o corpo da terra. Por meio das relações entre o personagem e a terra, busco um olhar diferenciado, ampliando assim a visão comum que temos da paisagem como algo distante.

O Homem Permanecido é um personagem que criei há mais de vinte anos e está presente em diversas das minhas obras. Ele aparece no início dos anos 2000 em desenhos de pequeno formato, que remetem a anotações e tratam de um homem solitário em uma paisagem inóspita, como se pode perceber no desenho a seguir (Figura 1).

Figura 1 – Desenho da série *O Homem Permanecido* (2000-2001), 18 cm altura x 15,6cm de largura



Fonte: Acervo do autor.

Em torno dos processos do diário do Homem Permanecido:
construindo uma paisagem a partir do encontro do corpo do homem
com a terra
Luiz Rodolfo Annes

Os desenhos são acompanhados de textos poéticos que narram essa relação entre homem e paisagem, como vemos no seguinte trecho do texto intitulado *O Homem Permanecido*, escrito em 2001.

[...] Um verme indefeso, pálido, insatisfeito. Ele cria novas sementes. Ele se dedica a isso laboriosamente. O seu corpo ligado à terra através de um ferimento mortal. Ele se enrijece. Ele se infiltra no chão e se perde. Caloroso toque. A terra se entreabre, ele se entregando como uma oferenda, um fruto que volta à origem. Ele faz dela uma proteção, uma parte que se completa ao seu corpo, que lhe permite estender-se a regiões ocultas. Todas essas experiências exigem muito cuidado. Exigem uma delicadeza que perturba, quase um abandono A terra o cospe para fora. Ela precisa da sua ferida para alimentar-se. Uma vida que se consome aos poucos. Ossos quebrados, desamparo. O homem teve medo. Sempre teve medo, mas nesse momento o medo dilatava o seu corpo inteiro. Ele ainda tem fome. Ele coloca a boca na terra, mas não consegue tirar nada dali. Ele não está realmente sozinho. Está junto de outros animais que, como ele, também vagam sem rumo. A ideia que seu mundo é perfeito desaba. Ouvimos seus grunhidos. Ele sobrevive e persiste. Volta para a vida na terra... (Annes, 2014, p. 68).

Os desenhos e textos desse período são, hoje, a base para a construção das obras desenvolvidas em meu doutorado.

O diário

Propus para o meu doutorado a escrita de um diário. A ideia surgiu de reflexões feitas na minha pesquisa de mestrado, nos anos 2019 e 2020, quando investiguei meus cadernos de desenhos e anotações, bem como a sua relação com a minha produção em vídeo. Percebi, após a conclusão do mestrado, que os cadernos, além de espaço de registro e criação, poderiam se tornar suporte para a obra artística. Pensei, no primeiro momento, na

Em torno dos processos do diário do Homem Permanecido:
construindo uma paisagem a partir do encontro do corpo do homem
com a terra
Luiz Rodolfo Annes

escrita de um diário tradicional, com relatos dos meus processos artísticos, a construção de textos e desenhos. Contaminado por recordações dos cadernos de Antonin Artaud, que trazem escritos e desenhos, me instigou que, nos anos em que ficou internado, Artaud produziu uma extensa obra em cadernos pouco conhecidos no Brasil. André Silveira Lage descreve o conjunto de trabalhos.

Ainda pouco conhecidos no Brasil, os *Cadernos de Rodez e de Ivry*, de Antonin Artaud, constituem um conjunto poético e gráfico considerável, que abalou a recepção crítica da obra de Antonin Artaud na França, provocando reações polêmicas, tanto no que diz respeito à sua natureza específica, quanto no que diz respeito à problemática editorial que os concerne. Diferentemente dos textos do período pós-asilar de sua vida, esses 406 cadernos não se configuram como uma obra propriamente dita, não foram realizados em vista de uma publicação, não foram destinados ao leitor. Território desconcertante, tanto pela extensão (milhares de páginas) quanto pelo modo de escritura (fragmentos, rabiscos, anotações, textos jorrados em bloco, de um único sopro), eles colocam um problema para a crítica literária: como situá-los em relação às outras obras de Artaud? (Lage, 2009, p. 311).

Com o interesse voltado para uma escrita ficcional, abandonei a ideia inicial e optei por escrever um diário do personagem *Homem Permanecido*, personagem que anteriormente não possuía voz própria. Suas falas e reflexões sobre si e sua vida aparecem pela primeira vez na história em quadrinhos intitulada *O Homem Permanecido*, publicada em 2020, na qual o personagem, cheio de culpa por atos de seu passado, interroga-se: “o que é um herói?”.

O escritor francês Maurice Blanchot descreve, em seus estudos sobre o diário e a narrativa, que o diário íntimo, apesar de toda a abertura para a liberdade criativa, está confinado a respeitar o calendário como estrutura temporal, fixando-se no cotidiano. Blanchot afirma que

Em torno dos processos do diário do Homem Permanecido:
construindo uma paisagem a partir do encontro do corpo do homem
com a terra
Luiz Rodolfo Annes

O diário íntimo, que parece ato livre de forma, tão dócil aos movimentos da vida e capaz de todas as liberdades, já que pensamentos, sonhos, ficções, comentários de si mesmo, acontecimentos importantes, insignificantes, tudo lhe convém, na ordem e na desordem que se quiser, é submetido a uma cláusula aparentemente leve, mas perigosa: deve respeitar o calendário. Esse é o pacto que ele assina. O calendário é seu demônio, o inspirador, o compositor, o provocador e o vigilante. Escrever um diário íntimo é colocar-se momentaneamente sob a proteção dos dias comuns, colocar a escrita sob essa proteção, e é também proteger-se da escrita, submetendo-a à regularidade feliz que nos comprometemos a não ameaçar. O que se escreve se enraíza então, quer se queira, quer não, no cotidiano e na perspectiva que o cotidiano delimita. (Blanchot, 2005, p. 270-271).

Partindo do pressuposto que o diário está ligado a uma escrita confessional daquele que escreve na primeira pessoa do singular (eu), escolhi para a escrita do diário ficcional do personagem *Homem Permanecido* esse posicionamento que revela o íntimo daquele que escreve ao leitor. Diferentemente do diário convencional, na medida em que não se trata de uma escrita datada, esses textos escapam de um cotidiano fixo e permitem que o personagem mergulhe em considerações pessoais, fugindo da superficialidade das ações ordinárias. Nas confissões do *Homem Permanecido* se apresenta um eu inquieto e angustiado, que relata seus sentimentos e pensamentos. No desejo de revelar o que há de mais profundo, o personagem escreve seus testemunhos de vida, sua doença, a febre e o contato com a terra. Suas confissões revelam um "eu" que fracassa constantemente, que sofre. Um "eu" frágil, a perigo de sucumbir a qualquer instante. A narrativa do seu diário é centrada no "eu", como no trecho a seguir.

Em torno dos processos do diário do Homem Permanecido:
construindo uma paisagem a partir do encontro do corpo do homem
com a terra
Luiz Rodolfo Annes

Entorpecido pela luz da manhã, procuro algo para preencher o coração oco. Lanço meu corpo na floresta profunda. Ali só há cansaço e dor. Meu corpo se desgasta no atrito com as coisas do mundo. Com a língua no solo, grito repetidas vezes, até o esgotamento completo. Estou sozinho. Agora só me resta o silêncio. Encolho-me em um ninho cercado ao norte pela morte e ao sul pelo azul. Escolho ficar imóvel diante do perigo (se não eu, outros como eu chegarão ao paraíso) (se não eu, outros como eu encontrarão o alimento para sua fome interior). Persigo mundos desconhecidos. Me agito e solto um rugido. Acuado, sigo novamente os brilhos da serpente. Vou ao fundo de meu ser em um mergulho arriscado. Diante do abismo, conheço a solidão dos monstros. Conheço a tristeza dos cowboys melancólicos. Meu coração vulcão entra em erupção. Lançando cinzas e fogo para todos os lados. Queimam-se as casas, as estradas, os homens, as mulheres, as pequenas e as grandes coisas. A minha memória é agora o único lugar de nossos encontros (se não eu, outros como eu viverão o amor). A partir desse momento a tristeza se afasta. Em torno do meu corpo surge uma cidade de amores que se reencontram. Meu corpo talhado para o amor. Sou um monstro subterrâneo que se abre para a superfície. Sorrio lentamente e depois começo a cantar. De meus olhos chovem lágrimas de alegria (Annes, 2024, p. 10-11).

Uma construção do olhar

O termo "paisagem" é amplamente utilizado pelo senso comum. Por esse motivo, definir "paisagem" traz problemas de diversas ordens. Sua definição varia segundo a forma como ele é utilizado. É um termo capturado por diferentes disciplinas, criando abordagens diversas que variam com o tempo e o espaço (Ribeiro, 2007). A paisagem é objeto de interesse de campos do conhecimento como filosofia, arte e geografia, por exemplo, mostrando assim que há nela as dimensões científicas, psicológicas, estéticas, enfim, a objetividade e a subjetividade. Nesse estudo, não pretendo definir

Em torno dos processos do diário do Homem Permanecido:
construindo uma paisagem a partir do encontro do corpo do homem
com a terra
Luiz Rodolfo Annes

e adentrar os diferentes conceitos de paisagem, mas sim, indicar que por meio dos textos e desenhos do diário do *Homem Permanecido*, a paisagem pode ser percebida e proposta de forma subjetiva e singular.

A paisagem não é apenas aquilo que nos cerca objetivamente e não se limita ao entorno percebido pelo corpo e pelo olhar. Estar em relação com a paisagem vai além de observar pedras, montanhas, rios, construções. Estar em contato com a paisagem envolve uma experiência sensível do espaço. Exige de nós uma relação profunda de encontro, que envolve emoção e subjetividade. Augustin Berque fala de um conceito de paisagem que extrapola o ponto de vista ótico.

Assim, a paisagem não é apenas o que nos é dado visualmente pelo mundo que nos cerca. De alguma maneira, ela se especifica pela subjetividade do observador, extrapolando o simples ponto de vista ótico. Por outro lado, ela não se reduz a ser o “espelho da alma”, “não é nem um sonho, nem uma alucinação; pois, mesmo que aquilo que ela representa ou evoca possa ser imaginário, ela sempre exigirá um suporte objetivo” (Berque, 1994 *apud* Dias; Carvalho, 2022, p. 207).

Berque (1994) questiona a ideia de que a paisagem é uma noção universal e lembra que, apesar de comumente acreditarmos nisso, na verdade, tanto a sua concepção como a sua exaltação estética são fenômenos muito particulares, de modo que muitas civilizações não os vivenciaram.

Busco, nos relatos de encontro com a terra do personagem *Homem Permanecido*, fazer uma aproximação do sujeito com a paisagem que o cerca. Aproximar o homem do resto do mundo em um mergulho, uma imersão na vida. Deixando de haver barreiras entre os corpos, eles tornam-se um só. Isso se dá em um encontro erótico, o gesto amoroso no qual se misturam os limites entre o personagem e a terra. Um se perde no outro. Essa ideia de encontro surge da leitura e das proposições feitas por Georges Bataille, no livro *O erotismo*. Esse contato íntimo entre a terra e o personagem da série de desenhos *O Homem Permanecido* traz um olhar para a terra como um corpo cheio de vida. Um corpo no qual ele, em um contato erótico, penetra,

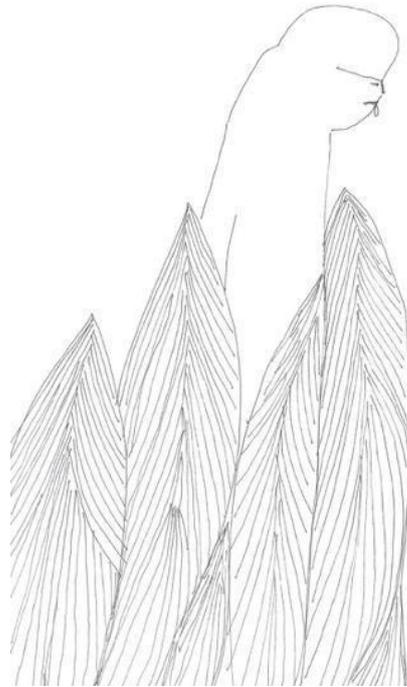
Em torno dos processos do diário do Homem Permanecido:
construindo uma paisagem a partir do encontro do corpo do homem
com a terra
Luiz Rodolfo Annes

buscando encontrar a si mesmo. Na sua ligação com a paisagem, o entorno passa a constituir o seu corpo. São dois corpos distintos que se fundem em um só. Assim, Bataille trata do erotismo e da fusão dos corpos.

O erotismo, eu o disse, é aos meus olhos o desequilíbrio em que o próprio ser se põe conscientemente em questão. Em certo sentido, o ser se perde objetivamente, mas nesse momento o indivíduo identifica-se com o objeto que se perde. Se for preciso, posso dizer que, no erotismo, EU me perco. Não é, sem dúvida, uma situação privilegiada (Bataille, 1987, p. 21).

Na série de desenhos *O Homem Permanecido* temos dois corpos unidos num ritual em que um está próximo ao outro. Como vemos na Figura 2, um homem com o corpo envolvido por folhas.

Figura 2 – Desenho da série *O Homem Permanecido* (2023), 22 cm altura x 14 cm de largura



Fonte: Acervo do autor.

Em torno dos processos do diário do Homem Permanecido:
construindo uma paisagem a partir do encontro do corpo do homem
com a terra
Luiz Rodolfo Annes

O *Homem Permanecido* encontra na terra a conexão com o sagrado. O antropólogo Tim Ingold lembra que o sentir não é apenas um contato externo com o entorno.

Sentir o ar e andar no chão não é fazer contato tátil externo com o nosso entorno, mas sim se misturar a ele. Nesta mistura, conforme vivemos e respiramos, o vento, luz e umidade do céu se ligam com as substâncias da Terra no contínuo forjar de um caminho através do emaranhado de linhas de vida que compõem a Terra (Ingold, 2015, p. 91).

Nesse movimento, o *Homem Permanecido* busca reencontrar a terra e aproximar-se dela novamente. Não está apenas a observá-la de um ponto distante, como no olhar pictórico, mas a habita. Conecta-se a ela com seu corpo, como relata o personagem, neste trecho de seu diário.

Corpo terra. Febre, febre, delírio. Nessa transa transe sou esfacelado, meu corpo ruína grita. Terra virando corpo. Trocas cheias de malícia e tesão. Eu me entrego a sua volúpia. Sou seu alimento e ela me nutre. Uma troca eterna entre mim e ela. Um doando o melhor e o pior de si ao outro. Nessa ferida que se abre em mim para ela penetrar, encontra-se a dor dos amores que partiram sem dizer adeus, sonhos, silêncios, voos, noites, rumores e anunciações. Sou carne viva e pulsante, que para ela é refazimento e encontro. Para mim, esse é o momento ritual, a entrega final que me faz perder-me de mim mesmo e esquecer a dor dos dias solitários. Ao mesmo tempo que consome meu sangue, ela me devolve a beleza dos olhares que partiram. Nesse encontro se instala o êxtase e a alegria que duram por dias. Poesia e loucura. Tudo tão claro e limpo. Sinto contentamento. Estou pleno de um amor que os outros desconhecem. Morte que se faz vida. Adentro um outro espaço-tempo. Me afasto da angústia dos relógios, das necessidades materiais. Sou aqui e agora um animal que sonha. Ela, tão pura e solene, me mantém protegido em seus braços. E eu, tão pequeno, tão insignificante diante da sua grandeza, da sua imensidão, lhe dou o pouco que possuo. Entrego a ela minha baba doce e úmida.

Em torno dos processos do diário do Homem Permanecido:
construindo uma paisagem a partir do encontro do corpo do homem
com a terra
Luiz Rodolfo Annes

Entrego a ela tudo que sinto, tudo que já senti e ainda tudo que sentirei e desconheço. Tocá-la é se aproximar dos anjos e de Deus. Tocá-la também é conhecer a morte e a finitude. Guardo com humildade esse momento, sabendo que necessito mais dela do que ela de mim. Me pergunto se mereço tal dádiva (Annes, 2024, p. 1).

Nesse sentido, podemos aproximar a sua experiência com a noção de mundo-tempo proposta por Ingold.

Buscando oferecer uma nova compreensão sobre o que ficou conhecido como paisagem, Ingold propõe a noção de mundo-tempo: “habitar o aberto é habitar um mundo-tempo no qual cada ser está destinado a combinar vento, chuva, sol e terra na continuação da sua própria existência”. Sua acepção do termo “mundo-tempo” apresenta-se como contraponto a um recorte de mundo expresso na tradição pictórica. Por isso, Ingold advoga o mundo-tempo como uma alternativa à ideia de paisagem, justamente por nele estarem enfatizados a contemplação do céu, da ação e dos fluxos do tempo que nos banham de luz, da oscilação dos ventos, dos eventos meteorológicos etc. A partir dessa concepção, concebe-se um mundo que está em permanente devir e um céu como lugar de ações e transformações. “É nesta cúpula, onde o sol brilha, as tempestades se enfurecem e o vento sopra – e não [...] nas superfícies dos objetos sólidos e no chão sobre o qual repousam – que toda ação acontece” (Ingold, 2015 *apud* Dias; Carvalho, 2022 p. 179-180).

Imerso em em silêncio e solidão, o *Homem Permanecido* formula novas percepções do tempo. Sem relógios ou agendas de trabalho, ele entra em um movimento de interiorização. Tudo se torna fértil e potência de vida. Seu corpo de carne se torna corpo de terra. A terra se torna carne viva e pulsante. Um penetrando e devorando o outro. Um beijo-armadilha no ritual de entrega. Corpos em comunhão.

Com o surgimento das cidades, o homem passou a ter um contato cada vez mais distante com o seu meio natural. Daí a necessidade de

Em torno dos processos do diário do Homem Permanecido:
construindo uma paisagem a partir do encontro do corpo do homem
com a terra
Luiz Rodolfo Annes

resgatar essa proximidade, como coloca Maria Lúcia Bastos Kern.

A mudança das relações do homem com a natureza se processa também graças ao modo de vida urbano, que proporciona um contato menor e menos profundo com o seu meio natural. Recuperá-lo significa construir uma relação que tem por base a perda e reinventá-lo no plano simbólico e estético, para poder ter o prazer de desfrutá-lo visualmente. A paisagem coloca a nu a complexidade do mundo moderno e de um novo gênero de representação, que tem como fim apresentar o homem e o seu olhar sobre a natureza (Kern, 2011, p. 27).

A invenção da paisagem ocidental só foi possível após elementos como rochas e árvores, que eram apenas fundo das pinturas religiosas, ganharem importância. Paisagem que passou a ser construída a partir do século XV pelo olhar da perspectiva renascentista. Dessa maneira,

Seja como for, o que parece claro é que a invenção da paisagem ocidental implicava a conjugação de duas condições. Em primeiro lugar, a secularização dos elementos naturais, como árvores ou rochas. Enquanto estavam submetidos à cena religiosa, eram apenas sinais distribuídos, ordenados, em um espaço sagrado que, somente ele, lhes conferia certa unidade. Portanto, será imprescindível que esses sinais se desprendam da cena, tomem distância, se afastem dela e este será, precisamente, o papel decisivo da perspectiva. Esta, ao estabelecer uma verdadeira profundidade, deixa na distância esses elementos do futuro paisagem e, ao mesmo tempo, os seculariza (Roger, 2013, posição 647, tradução nossa)².

Hoje, a concepção de paisagem está ampliada em relação às possibilidades de uma tradição pictórica do passado, na qual a perspectiva nos dava um modo de olhar e reconhecer o mundo a nossa volta. Afinal, toda concepção de paisagem é uma invenção, um pacto cultural, como diz Anne Cauquelin, no livro *A invenção da paisagem*.

Parece, então, que a proposição segundo a qual a noção de paisagem e sua realidade percebida são justamente

2

Sea como fuere, lo que sí parece claro es que la invención del paisaje occidental implicaba la conjunción de dos condiciones. En primer lugar, la laicización de los elementos naturales, como árboles o rocas. Mientras estaban sometidos a la escena religiosa, no eran más que signos distribuidos, ordenados, en un espacio sagrado que, sólo él, les confería cierta unidad. Por tanto, será imprescindible que estos signos se desprendan de la escena, tomen distancia, se alejen de ella y éste será, precisamente, el papel decisivo de la perspectiva. Ésta, al establecer una verdadera profundidad, deja en la distancia estos elementos del futuro paisaje y, al mismo tiempo, los laiciza. (Roger, 2013, p. 647)

Em torno dos processos do diário do Homem Permanecido:
construindo uma paisagem a partir do encontro do corpo do homem
com a terra
Luiz Rodolfo Annes

uma invenção, um objeto cultural patenteado, cuja função própria é reassegurar permanentemente os quadros da percepção do tempo e do espaço, é, na atualidade, fortemente evocada e preside a todas as tentativas de “repensar” o planeta como eco-sócio-sistema (Cauquelin, 2007, p. 12).

Através da paisagem, podemos perceber a união entre natureza e cultura. Nesse sentido, o espaço literário abre possibilidade para a percepção de modos de vida que se relacionam com uma paisagem que nos afeta e é afetada por nós. A paisagem não é apenas um espaço para habitar um ambiente físico. Ela é permeada por aspectos afetivos e subjetivos. A relação entre a paisagem e o personagem *Homem Permanecido* não é um grito diante do perigo ecológico, do aquecimento global, da virada tecnológica ou da crise do antropoceno. Antes disso, é uma busca por resgatar a relação de proximidade de nossos ancestrais com a terra, relação perdida pela maioria dos povos do ocidente. *O Homem Permanecido* cultua a terra, se faz oferenda no ritual de entrega, e recebe dela paz e fartura, que nutrem o seu interior doente e desesperado.

Estou inquieto. Tenho o corpo cheio de desejos. Me conecto com a terra em busca de apaziguamento. Meu coração cavernoso acelera. Estremeço. Procuo a cura para esse mal que me consome. Essa doença, feita de febre, delírio, fome e dor, descobri-a logo após a despedida. Logo após mergulhar nesse ideal de desaparecimento e iniciar a caminhada solitária. Nessa jornada de refazimento, busco abandonar minhas ruínas e tristezas para construir um novo corpo. Um corpo que nasce após germinar a semente colocada nas entranhas da terra (Annes, 2024, p. 1).

É por meio da terra que o personagem sacia a fome que nunca cessa dentro de si. A paisagem, para ele, não é um produto a ser consumido ou espaço de domínio, é uma possibilidade de contato com o sagrado. Ele tem, com a terra, uma relação de cumplicidade e reciprocidade – um nutre o outro em uma união sem fim. Excluem-se assim as relações assimétricas e de poder. Com o *Homem Permanecido* e o seu contato íntimo com a terra, observamos a relação de troca entre o indivíduo e o lugar que habita, como

Em torno dos processos do diário do Homem Permanecido:
construindo uma paisagem a partir do encontro do corpo do homem
com a terra
Luiz Rodolfo Annes

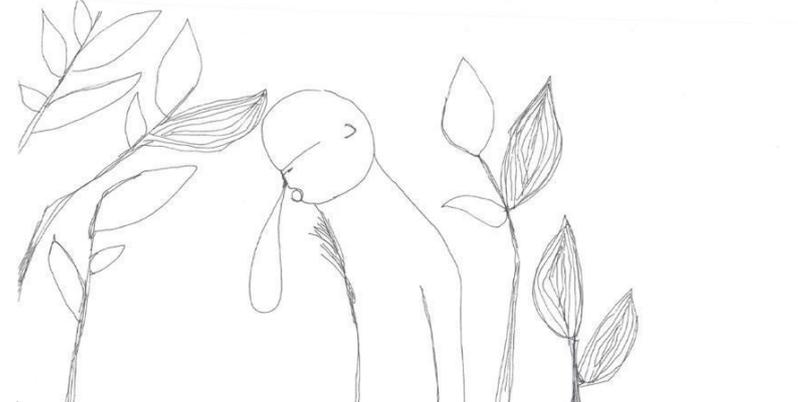
nos desenhos a seguir (Figuras 3 e 4):

Figura 3 – Desenho da série *O Homem Permanecido* (2023), 17,8cm altura x 21cm de largura



Fonte: Acervo do autor.

Figura 4 – Desenho da série *O Homem Permanecido* (2023), 13,7cm altura x 26cm de largura



Fonte: Acervo do autor.

Em torno dos processos do diário do Homem Permanecido:
construindo uma paisagem a partir do encontro do corpo do homem
com a terra
Luiz Rodolfo Annes

Considerações Finais

Repensar a paisagem implica em tentar ampliar a visão. A ideia de paisagem abre-se a inúmeras indagações. Precisamos refletir acerca da paisagem e como somos afetados e a afetamos, sendo que, esse embate, se tornou um desafio para as ciências humanas e as práticas sociais contemporâneas. Nessa questão, a arte torna-se um potente meio em que podemos lançar outros olhares para esse lugar que vem sendo construído histórica e estruturalmente, e precisa ser revisado. Na série de desenhos e narrativas relacionados ao *Homem Permanecido*, a paisagem aparece frequentemente como o ambiente em que se dão as trocas íntimas do personagem com a terra. Um encontro em que há proximidade e entrega. Pode-se, assim, perceber um novo olhar para a paisagem, para além da perspectiva renascentista. Em vez de assumir um olhar que enfatiza a separação e o distanciamento, se constrói uma paisagem, a partir do encontro entre os corpos do homem e da terra. Por meio das relações entre eles, se ampliam a visão comum que temos da paisagem como algo separado da nossa vida. Os textos e desenhos do *Diário do Homem Permanecido* enfatizam a possibilidade de um olhar individual e subjetivo sobre a paisagem, tornando-se uma possibilidade diferenciada de leitura do mundo que nos cerca. Um olhar sensível que se impõe contra padrões e modelos para ver e sentir. A paisagem, além de ponto de vista e ponto de contato, é uma experiência sensível e subjetiva. Nesse sentido, ao relatar os processos desse trabalho, propõe-se uma abertura para outras percepções, contribuindo para construção de outros olhares e processos acerca do tema paisagem.

Referências

ANNES, L. R. *Cabeça de Brócoli e a descoberta do amor ou notas de um amigo que escapou do afogamento*. Curitiba, 2014. 86 p.

ANNES, L. R. *Em torno dos processos dos diários do Homem Permanecido ou notas daquele que escapou do afogamento*. Tese (em fase de elaboração). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2024.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Antônio Carlos Viana, Porto Alegre: L&PM, 1987.

Em torno dos processos do diário do Homem Permanecido:
construindo uma paisagem a partir do encontro do corpo do homem
com a terra
Luiz Rodolfo Annes

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DIAS, K.; CARVALHO, F. W. de. Arte e paisagem: mover fronteiras, reencontrar a terra. *PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*, Belo Horizonte, v. 12, n. 25, p. 205-231, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/36070>. Acesso em: 16 out. 2023.

INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Vozes 2015.

KERN, Maria Lúcia Bastos. História e arte: as invenções da paisagem. In: *Simpósio Nacional de História – ANPUH, 26.*, 2011, São Paulo. Anais... São Paulo: SP, 2011. p.1-14.

LAGE, A. S. Os cadernos de Antonin Artaud. *Sala Preta*, [S. l.], v. 9, p. 311-316, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57414>. Acesso em: 16 out. 2023.

RIBEIRO, Rafael Winter. *Paisagem cultural e patrimônio*. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC. 2007.

ROGER, Alain. Vida y muerte de los paisajes: valores estéticos, valores ecológicos. In: NOGUÉ, Joan (ed.). *El paisaje en la cultura contemporánea*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2013. [posição 647].